

Jazz

10 Janeiro 2010

Programador:

Manuel Jorge Veloso

Stefano Bollani Trio

Stone in the Water

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Stefano Bollani
Contrabaixo Jesper Bodilsen
Bateria Morten Lund

Dom 10 de Janeiro
Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h30 · M12

Pouco depois do jantar, ouvindo Bollani, Bodilsen e Lund

Quem já conheça o Stefano Bollani de tantos outros projectos individuais e colectivos bem diversos entre si, como *I Visionari*, *Bollani Caricò* ou *JazzFriends for Emergency*, sem dúvida ficará surpreso perante a música que o grande pianista transalpino nos vai oferecer no seu concerto desta noite, certamente muito próxima de *Stone in the Water*, o seu último *opus* discográfico (gravado há apenas quatro meses para a ECM com o mesmo “trio dinamarquês”) e igualmente vizinha de outros discos gravados em solo absoluto ou em duo e quinteto ao lado de Enrico Rava, seu decisivo mentor, para além do pianista Franco d’Andrea que o orientou em vários *seminários*. Ou não estivessem aqueles também mergulhados na especial atmosfera das gravações da editora de Manfred Eicher e deles não transparecesse, nomeadamente, um particular cuidado na captação cristalina do piano e restantes instrumentos.

O certo é que dificilmente associaríamos este jazz pleno de tranquila emotividade e contida força expressiva ao Stefano Bollani altamente extrovertido e mesmo pleno de humor de outros contextos: o humor e a natural comunicabilidade que, afinal, com frequência, costumamos associar aos (tantas vezes) desconcertantes músicos de jazz italianos.

Entretanto, o facto é que o novo disco deste trio de Stefano Bollani vai no mesmo sentido dos anteriores CDs que o pianista gravou para a editora dina-

marquesa Stunt com Jesper Bodilsen (contrabaixo) e Morten Lund (bateria), um trio que já se assumiu como um colectivo com identidade própria, onde todos sabem ouvir-se até nas mais imperceptíveis pausas e requintados silêncios de uma música que flui, na realidade, como “as águas sobre as pedras”, para adoptar o oportuno jogo de palavras inventado por Colin Buttimer na sua crítica para a BBC a *Stone in the Water*.

Trazido para o jazz pela mão de Enrico Rava que, em 1996, o desafiou a fazer parte do seu grupo para algumas actuações em Paris, Bollani ter-se-á então revelado aos outros (e sobretudo a si próprio!) como um “possível” músico de jazz, ele que tanto já vagueara pelos mundos da música popular de alguns dos mais sonantes nomes da *canzonetta* italiana.

Poucos anos depois, em 2002, foi a circunstância de a organização dinamarquesa do célebre *JazzPar* desse ano ter convidado Jesper Bodilsen e Morten Lund para completarem, com Stefano Bollani, a secção rítmica do quinteto de Enrico Rava, então premiado, que levou os três músicos a conhecerem-se pela primeira vez, logo tendo descoberto afinidades geracionais, caminhos comuns e vias confluentes que lhes terão tornado mais fácil e natural a aventura de constituir um trio à parte que, desde essa data, tem actuado como tal um pouco por todo o lado e, por sinal, com grande êxito.

É certamente uma feliz ventura que a cultura musical e jazzística dos três componentes do trio lhes permita explorar caminhos criativos de características muito diferenciadas, desde o repertório transformador das raízes nórdicas ou

italianas com que deparamos nos seus dois primeiros discos para a Stunt às mais abrangentes e multifacetadas páginas musicais que constituem o novo *Stone in the Water*.

Em termos puramente instrumentais, Jesper Bodilsen pertence à gloriosa tradição escolástica nórdica, simultaneamente rotundo e sonoro nos graves que guiam o andamento do tempo que o seu contrabaixo determina como tecnicamente ágil e imaginativo no desdobramento dos acordes da harmonia nas regiões mais centrais e agudas do instrumento.

Pelo seu lado, Morten Lund, neste contexto musical, prefere a utilização sofisticada das vassouras ao embate mais incisivo das baquetas: mas independentemente da escolha, sempre acertada, que faça dos seus dispositivos percussivos (indo até à utilização das próprias mãos), mostra ser um claro adepto dos jogos e cadências rítmicas mais implícitas e induzidas nos espaços deixados livres pelos seus pares do que pleonásticos e redundantes na justaposição de marcações e acentuações tonadas supérfluas, porque já interiorizadas pelo trio e portanto devolvidas de uma ou outra forma ao ouvinte.

Quanto a Stefano Bollani, independentemente das virtudes da técnica apurada, de que apenas faz uso quando estritamente esta contribui para o reforço e justeza do bom gosto de tal ou tal passagem, ele exhibe a todo o momento (jamais a impondo) uma imaginação melódica e uma sensibilidade harmónica que tornam inteiramente novo aquilo que poderia ser-nos porventura familiar, jamais assim cedendo à preguiça da frase feita ou do *cliché* vazio de sentido.

Se os três talentosos músicos decidirem em pleno palco seguir de perto o *line up* de *Stone in the Water* – e pesem embora as situações totalmente diversas do isolamento em estúdio e da comunhão e partilha numa sala de concerto, certamente repleta – é muito provável que o leitor-espectador venha a ser positivamente bafejado, como o autor destas linhas, pela beleza radiosa de *Dom de iludir* (Caetano Veloso) ou *Brigas nunca mais* (António Carlos Jobim), aqui representando a descoberta apaixonada da grande música brasileira por parte de Bollani. Mas será arrastado pelas incisivas e nervosas torrentes de notas de *Il cervello del pavone* ou pela intensa e movimentada vertigem de *Un sasso nello stagno* (ambas de Bollani), embora a segunda enunciada de início de forma singela e quase imperceptível. E inclinar-se-á perante a beleza indelével de *Orvietto* ou *Edlith* (Bodilsen), a primeira aproximando-se da impetuosidade de Jarrett e a segunda da matriz inconfundível de Strayhorn, ou deixar-se-á mergulhar no impressionismo de *Improvisation 13 en la mineur* (Poulenc).

Entretanto, não vá o diabo tecê-las!, tudo poderá ser afinal diferente, para tal bastando a forma como “caiu” o jantar aos músicos...

Manuel Jorge Veloso
Blog O Sítio do Jazz

Stefano Bollani

piano

Com seis anos de idade (nasceu em Milão em 1972) queria ser cantor. Acompanhava-se a si próprio ao piano lá de casa. Alguns anos depois gravou uma cassette em que cantava e tocava e enviou-a ao seu ídolo, Renato Carosone, com uma carta em que explicava o seu sonho. Carosone respondeu-lhe e aconselhou-o a ouvir muito blues e jazz. Bollani assim fez.

Aos 11 anos entrou no Conservatório Luigi Cherubini, em Florença, recebendo o seu diploma em Piano em 1993. Com 15 anos começou a sua carreira de músico profissional, tocando sobretudo música pop, ao mesmo tempo que estudava com Luca Flores, Mauro Grossi e Franco D’Andrea, cujos seminários frequentava no Festival de Jazz de Sienna.

Em 1996 encontrou-se com Enrico Rava no Teatro Metastasio in Prato, que imediatamente o convidou para tocar com ele em Paris: “És novo, não tens família. Arrisca. Deixa a pop e dedica-te por inteiro à música de que gostas”. Bollani seguiu o conselho de Rava. Desistiu da digressão com Jovanotti e lançou-se no jazz, linguagem de improvisação e liberdade.

A sua ascensão foi marcada por rápidas etapas: da importante e contínua colaboração com o seu mentor Enrico Rava à sua consagração no referendo organizado pela revista *Music Jazz* (Melhor Revelação, 1998), ou quando, em 2000, recebeu o Django D’Or italiano; da direcção da sua Orchestra del Titanic (com numerosos concertos e dois álbuns editados pela Via Veneto) às homena-

gens à música pop do passado quer em espectáculos, quer gravando discos (*Abbassa la tua radio* com, entre outros, Peppe Servillo, Irene Grandi, Marco Parente, *Elio de Storie tese...* e *Guarda che luna!* com Gianmaria Testa e a Banda Osiris...) que lhe fizeram ganhar em Nápoles, em 2003, o Prémio Carosone, habitualmente conferido a cantores.

Tornou-se popular até no Japão. *Swing Journal*, a mais respeitada publicação de jazz do país, conferiu-lhe em 2003 o *New Star Award* (prémio para a Melhor Revelação), concedido pela primeira vez a um músico europeu. Para além da sua “histórica” colaboração com Rava, tocou com inúmeros outro músicos, incluindo Richard Galliano, Gato Barbieri, Pat Metheny, Aldo Romano, Michel Portal, Phil Woods, Lee Konitz, Jimmy Cobb, Han Bennik, Roswell Rudd, Han Bennink, Paolo Fresu, Joe Lovano, Dave Liebman, e nos palcos mais prestigiados (do Umbria Jazz ao Festival de Montreal, do Town Hall de Nova Iorque ao Scala de Milão).

A sua música visita muitas vezes a ironia, uma característica evidente de toda a sua obra, alguma dela bastante bizarra e não convencional, como *Gnosi delle fanfole*, um álbum no qual, juntamente com o compositor Massimo Altomare, pôs em música a poesia surrealista de Fosco Mariani (1998), e *Cantata dei pastori immobili*, uma espécie de oratória musical para quatro vozes, narrador e piano, com texto de David Riondino, publicada por Donzelli (2004). Gravou quatro álbuns para a editora francesa Label Bleu: *Les fleurs bleues*, 2002, uma homenagem ao escritor Raymond Queneau, com os americanos Scott Colley no contrabaixo e

Clarence Penn na bateria, o disco a solo *Smat Smat*, 2003, *Concertone*, 2004, uma peça para trio de jazz e orquestra sinfónica com arranjos e direcção de Paolo Silvestri e, finalmente, *I Visionari*, a primeira gravação do quinteto que formou com Mirko Guerrini no saxofone, Nico Gori no clarinete, Ferruccio Spinetti no contrabaixo e Cristiano Calcagnile na bateria. Em 2003 começou a tocar com os músicos dinamarqueses Jesper Bodilsen e Morten Lund, gravando com eles para a Stunt Records, *Mi ritorni in mente* e, em 2005, *Gleda, Songs from Scandinavia*. Para a série “Racconti di canzoni”, publicou *L'america di Renato Carosone* (Elleu, 2004), um tributo à história do *swing* e do jazz em Itália e, em especial, ao seu ídolo Carosone. Gravou dois discos com o trio que formou com Ares Tavolazzi e Walter Paoli, um editado em complemento à revista semanal *L'Espresso*, na série de jazz dessa revista, o outro para a japonesa Venus Record. Em Setembro de 2006 foi editado o seu primeiro disco na ECM, um álbum de piano solo, que rapidamente subiu para os primeiros lugares das listas de vendas. Nesse ano também foi publicado o seu primeiro romance, *La sindrome di Brontolo*. Para a ECM gravou ainda, com Enrico Rava, *Easy Living* (2003), *Tati* (2004), *The Third Man* (2007) e *New York Days* (2009) e, com o seu trio dinamarquês, o grupo com que se apresenta esta noite, *Stone in the Water* (2009).

www.myspace.com/stefanobollani
www.stefanobollani.com

Jesper Bodilsen

contrabaixo

Nasceu em 1970 em Hasley, Dinamarca. Fez a sua primeira aparição como profissional aos 16 anos. Em 1991 foi admitido na Academia Real de Música em Aarhus, onde esteve cinco anos e saiu com o seu diploma em Junho de 1997. Logo em Agosto desse ano foi convidado a ensinar na Academia.

Recebeu a Bolsa Edward Eriksen e o Django d'Or na categoria de Músico do Ano em 2004.

Trabalhou com vários músicos famosos, tais como: Joe Lovano, Ed Thigpen, Jeff “Tain” Watts, Lee Konitz, Marc Turner, Enrico Rava, Gino Vanelli, Phil Woods, Tom Harrell, Joey Calderazzo, Dino Saluzzi, Jimmy Heath, Benny Golson, James Moody, Horace Parlan, Duke Jordan, John Abercrombie, Paul Vertigo, Aldo Romano, Stefano di Batista e Paulo Fresu.

Gravou mais de 100 álbuns com diversos artistas e vários deles foram nomeados para diferentes prémios. Três desses álbuns foram gravados com o trio que esta noite vamos ouvir.

www.myspace.com/jesperbodilsen

Morten Lund

bateria

Seja a tocar jazz com o Trio de Jan Lundgren, jazz vocal com Cæcilie Norby, música para big band tradicional ou contemporânea com Klüvers Big Band, The Orchestra ou Bohuslän Big Band, ou música de fusão com o trompetista italiano Paolo Fresu, Morten Lund parece estar constantemente à procura de projectos musicais de vários tipos. A facilidade com que Morten domina vários estilos de música e o seu enorme talento e virtuosismo valem-lhe uma geral admiração por parte da crítica da cena europeia do jazz.

Nasceu em Viborg, Dinamarca, em 1972 e cresceu numa família musical. O pai tocava bateria, trompete e guitarra e a mãe era flautista amadora. Havia sempre música em casa e Morten teve as suas primeiras baquetas aos 6 anos de idade. Frequentou uma escola de música desde os 8 anos e teve mais de 10 anos de treino numa banda local. Durante os seus anos de formação o seu pai esteve envolvido na organização de muitos concertos de jazz e mesmo de um Festival em Viborg que atraía os nomes de topo do jazz dinamarquês. Estar perto de NHØP, Alex Riel, Ernie Wilkins, Ed Thigpen e muitos outros foi, é claro, muito inspirador para o jovem Morten.

Morten começou a tocar profissionalmente aos 15 anos. Os seus primeiros concertos foram de música pop, rock e de fusão. Entrou para Real Academia de Música de Aarhus em 1993, onde estudou até 1999. Durante esse período a sua carreira explodiu na cena dinamarquesa. Tocou com a Klüvers Big Band

um conjunto profissional, quando ainda estudava, em 1994, e com essa banda gravou o seu primeiro álbum em 1995.

Depois de completado um mestrado em instrumento e ensino, mudou-se para Copenhaga onde rapidamente foi envolvido em inúmeros projectos de concertos, gravações – muitas vezes tendo como parceiro na secção rítmica Jesper Bodilsen, com quem tocara na Academia.

Hoje em dia Morten é um dos mais requisitados bateristas dinamarqueses, na esteira do lendário Axel Riel.

Gravou mais de cem discos e tem feito inúmeras digressões por todo o mundo.

Cæcilie Norby, Lars Danielsson, Lars Jansson, Chris Minh Doky, Ulf Wakenius, Jan Lundgren, Paolo Fresu, Stefano Bollani, Nguyen Le, Dhaffer Youssef, Mike Stern, Curtis Stigers, Christian McBride, Avishai Cohen, Enrico Rava, Silje Neergaard, Viktoria Tolstoy, Anders Jormin, Bobo Stenson, Bob Mintzer, Tom Harrel, Johnny Griffin, Phil Woods, James Moody, Søs Fenger, Sanne Salomonsen, Etta Cameron, NHØP, Mads Vinding são alguns dos músicos com quem Morten colaborou. Co-lidera o trio de Jesper Bodilsen, integra o trio dinamarquês de Stefano Bollani, é membro dos grupos liderados por Paolo Fresu Devil Quartet e o sexteto Kind of Porgy and Bess.

Vive em Copenhaga com a sua mulher e um filho.

www.mortenlund.dk/about.html
www.myspace.com/mortendrums

HANARE

De Aldara Bizarro e Francisco Camacho

Dança Sex 15, Sáb 16 Janeiro

Palco do Grande Auditório · 21h30

Duração: 1h00 · M12



Direcção e criação Aldara Bizarro e Francisco Camacho
Interpretação Aldara Bizarro
Música Nuno Rebelo **Figurinos e espaço cénico** Carlota Lagido **Apoio à criação** Ainhoa Vidal e Dina Mendonça **Desenho de luz** Carlos Ramos
Fotografia António Rebelo **Produção** Jangada de Pedra **Produção Executiva** Andrea Sozzi e Rita Vieira **Co-Produção** Centro Cultural Vila Flor, Culturgest, Teatro Aveirense e EIRA **Apoios** Clube Nacional de Ginástica, Delta Cafés, Paulo Vieira Cabeleireiros, Alcan Packaging e Backlight
Agradecimentos Federação Portuguesa de Atletismo - Luís Carlos Moreira, Alzira Lário, Leonor Carneiro, Paula Caruço
A Jangada de Pedra é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direcção-Geral das Artes

Uma força que vem do nosso centro para outro centro: o nosso objecto de desejo. Dois pontos em contacto, numa força centrífuga. E no meio, o fazer, a acção e o corpo que se move com questões. A vontade seria branca como uma evidência se tivesse cor.

De onde vem esta força? O que nos faz lutar, querer, continuar, todos os dias?

No tiro com arco japonês, 'Hanare' é o momento do libertar da flecha. O momento do disparo não deve ser procurado, mas sim, surgir naturalmente quando for o momento certo.

É desta forma que *Hanare* surge na carreira de Aldara Bizarro. No seu regresso ao palco, a solo. No seu convite a Francisco Camacho e a Nuno Rebelo, que marcaram a sua carreira como bailarina. Na continuidade do trabalho desenvolvido enquanto coreógrafa. Um ponto comum neste percurso: intimismo.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Maria Zara Soares

estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direcção Técnica

Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
